

TV Pinel: liberdade, democracia, arte e o desmonte da saúde mental no Brasil¹

Arthur Coutinho Gonçalves Bomfim
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio
Departamento de Comunicação - Bacharelado Jornalismo

Resumo: Esta pesquisa propõe uma reflexão política, histórica e social, no campo da comunicação e saúde, sobre a atuação da TV Pinel, uma mídia comunitária que atuou, principalmente, entre 1996 e 2014 no contexto da Reforma Psiquiátrica Brasileira. As produções da TV Pinel tinham como objetivo romper estigmas, mostrar o potencial criativo dos usuários por meio da inclusão de suas linguagens na comunicação e de promover um trabalho artístico, cultural e psicossocial. O contexto nos últimos anos das políticas públicas de saúde mental no Brasil, a formação e a implementação desta mídia comunitária, além de suas formas de resistência sociopolítica, são os principais temas traçados por esta pesquisa para constituir, proteger e propagar a memória e a importância da trajetória da TV Pinel na sociedade brasileira.

Palavras-chave: TV Pinel; Comunicação e saúde; mídia comunitária; saúde mental; Reforma Psiquiátrica Brasileira.

1. Introdução

- Mas você se considera doido?
- Eu não me considero, mas o quê que adianta? A minha opinião é nula, é nula.
- Quem é que é dono da opinião?
- O dono da opinião é eles que assinaram e fizeram a...
- Eles quem?
- Esses médico, né?

(O Prisioneiro da Passagem, 1982. Hugo Denizart)

¹ Artigo derivado do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Graduação em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, orientado pela professora Sandra Korman Dib, entregue em dezembro de 2021.

No Brasil, a saúde pública e a oferta de serviços em saúde mental ainda vivem avanços, retrocessos e desafios. O processo de redemocratização após a ditadura, a promulgação da atual Constituição de 1988, a criação do Sistema Único de Saúde (SUS) e a Reforma Psiquiátrica, fatos recentes na história contemporânea brasileira, “permitiram a criação de redes assistenciais ao longo e ao largo do país com grande expansão de serviços comunitários” (ONOKO-CAMPOS, 2019, p. 1). Muitos serviços comunitários em saúde mental no Brasil passaram a ser oferecidos, ao longo do tempo, pelos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) – “a principal estratégia do processo da reforma psiquiátrica no Brasil” (BRASIL, 2004, p. 9) –, uma rede de atenção estratégica constituída por uma equipe multiprofissional que realiza atendimento, também, a pessoas que vivem com transtornos mentais. Este modelo de atenção em saúde ligado ao SUS inverteu a ordem do antigo modelo asilar-manicomial e hospitalocêntrico – anterior à Reforma Psiquiátrica Brasileira – que, muitas vezes, ainda continua sendo reproduzido por hospitais psiquiátricos e comunidades terapêuticas. Ao contrário daquelas instituições, pelos CAPS há um trabalho de reintrodução dos indivíduos na sociedade.

As bases para a criação de programas de saúde mental no Brasil, como os CAPS, são regidas pela Lei 10.216/2001 – também conhecida como a lei da Reforma Psiquiátrica ou do modelo assistencial de saúde mental – sancionada em abril de 2001 pelo então presidente da República Fernando Henrique Cardoso. A lei foi criada graças a um projeto apresentado pelo então deputado federal Paulo Delgado, do Partido dos Trabalhadores (PT), em 1989. A proposta se inspirava no modelo italiano de reforma psiquiátrica promovido pelo psiquiatra Franco Basaglia, tratava sobre os direitos de pessoas com transtornos mentais e determinava o fechamento progressivo de hospitais psiquiátricos e instituições manicomiais. Dentre os artigos e incisos, a lei *derruba* o antigo modelo hospitalar de internação e valoriza práticas de reinserção social dos indivíduos que vivem com transtornos mentais, além de trazer o Estado para o cerne do desenvolvimento de políticas públicas de saúde mental (BRASIL, 2001).

Todo esse avanço brasileiro em políticas de saúde mental também esteve atrelado ao histórico da reforma psiquiátrica que foi iniciada em 1978 com a reivindicação de movimentos sociais, como o Movimento dos Trabalhadores em Saúde Mental (MTSM), pelos direitos dos pacientes psiquiátricos. É, na verdade, pela luta deste movimento específico que é feita uma série de denúncias, naquela época, sobre a violência produzida em manicômios, contra a hegemonia de uma rede privada e lucrativa de saúde mental no país e de novos questionamentos sobre a psiquiatria. Essa quebra de

paradigmas permitiu a ruptura com modelos de atenção psiquiátrica e instituições que, muitas vezes, propagavam a tortura – como os casos históricos que precisam ser lembrados na Colônia Juliano Moreira, no Rio de Janeiro, ou no Hospital Colônia de Barbacena, em Minas Gerais –, que “não passavam de empresas de saúde, revestidas de um saber psiquiátrico, usando o paciente com a finalidade de lucro em nome da ordem social” (BERNARDO, 1992 apud MACHADO, 2004, p. 484). Foi graças a toda a mobilização gerada por este e tantos outros movimentos sociais que se permitiu criar as primeiras propostas para a reorientação da assistência em saúde mental no Brasil. O lema “Por uma sociedade sem manicômios”, criado após o II Congresso Nacional do MTSM, em Bauru, São Paulo, em 1978, permanece como um dos símbolos da Reforma Psiquiátrica Brasileira e da luta antimanicomial (BRASIL, 2005). Entretanto, todas essas políticas que permitiram o avanço do campo psicossocial no Brasil foram alvos de diversas tentativas de sucateamento nos últimos anos.

Ao longo de um período de intensas rupturas de políticas progressistas, golpes e tentativas de desmonte do Sistema Único de Saúde (SUS), uma série de medidas já foi tomada a fim de formar uma *nova* Política Nacional de Saúde Mental (PNSM) que, para alguns pesquisadores, poderiam contrariar a própria Constituição Federal: as leis 8.080/90, 8.142/90, 10.216/2001 – que, respectivamente, regulam as ações e serviços de saúde, a constituição do SUS e os direitos e a proteção das pessoas que vivem com transtornos mentais. Houve também o Pacto Internacional de Direitos Civis e Políticos – promulgado no Brasil pelo Decreto 592/1992 (CRUZ; GONÇALVES; DELGADO, 2020). Tais retrocessos acompanham o processo político que envolveu o golpe que depôs a presidenta Dilma Rousseff, em maio de 2016, medidas tomadas pelo governo de Michel Temer, que a sucedeu, e, depois, diversas medidas tomadas durante o governo de Jair Bolsonaro, com suas pautas retrógradas e antidemocráticas. Ou seja, o Brasil viveu recentemente intensas reorientações de políticas e de ameaças à continuidade democrática que, em vários aspectos, afetaram toda a conjuntura nacional de saúde pública e, também, de serviços em saúde mental.

Para além do campo político, histórico e sanitário, o surgimento e a elaboração ou as tentativas de apagamento de políticas públicas em saúde mental também são discussões presentes na comunicação social. Desde seu surgimento, a Reforma Psiquiátrica Brasileira, em diferentes momentos, foi retratada sob diversas convicções ideológicas e representatividades na mídia e na imprensa brasileiras (MACHADO, 2004). É, portanto, este um dos motivos que identificam a inserção de outros profissionais que atuam para

além do campo médico, *psi*, político e sanitário – como jornalistas e comunicadores – na luta antimanicomial e pela desinstitucionalização dos transtornos mentais.

Esta pesquisa tem o objetivo de desvelar como, no campo da comunicação e saúde, e a partir das lições promovidas pela Reforma Psiquiátrica Brasileira, uma mídia comunitária foi capaz de estabelecer uma experiência de comunicação e de resistência sociopolítica – também atrelando profissionais da comunicação – que permitiu a inclusão social de diversas pessoas que, por conta de uma série de questões, eram invisibilizadas na sociedade e no mundo. Nela, atuavam profissionais da comunicação, psicólogos, médicos, artistas, jornalistas e repórteres, roteiristas que, em alguns casos, eram também usuários² dos serviços de saúde mental oferecidos no então chamado Instituto Philippe Pinel³, no Rio de Janeiro. Tratava-se da TV Pinel, uma TV comunitária que, por meio de uma metodologia participativa, desenvolvia um trabalho cultural a fim de dirimir os preconceitos associados às pessoas que vivem com transtornos mentais na sociedade brasileira. Era um trabalho que permitia a formação de novas subjetividades (MIRANDA, 2002), de autonomia, de autoestima e a transformação nas vidas de diversos usuários, profissionais e pessoas que foram atravessadas por sua atuação. Apesar de não haver desenvolvido uma atividade intencionalmente terapêutica, era evidente que sua forma de atuar como promotora de direitos dava aos usuários uma nova chance de compartilhar a vida em sociedade.

Para contar a história desta “TV doida” – como também era chamada – e tão importante para a história da Reforma Psiquiátrica Brasileira e de tantas pessoas que por ela foram atravessadas, foram consultados, para a realização desta pesquisa, parte do acervo da TV Pinel e entrevistadas três pessoas que tiveram uma importância imprescindível para a criação desta mídia comunitária. Noale Toja, Ricardo Peret e Valter Filé proporcionaram a esta pesquisa um olhar apropriado e sensível sobre os trabalhos que eram desempenhados pela TV comunitária, além de terem vivenciado, na prática de produção da TV Pinel, o desenvolvimento de uma experiência única em saúde e em comunicação no Brasil.

Pensar como uma prática de comunicação comunitária – a TV Pinel – pôde proporcionar uma vida melhor e mais digna a seus usuários, capacitou reflexões importantes para esta pesquisa a fim de propor ideias e afirmar o quão fundamental é incluir profissionais

² O termo *usuário*, neste contexto, refere-se aos indivíduos que utilizavam os serviços oferecidos pela instituição de saúde mental. O termo sempre foi o mais utilizado pelos profissionais que trabalhavam no IPP e pelas pesquisas que abordaram a atuação da TV Pinel.

³ Após 1999, o Instituto Philippe Pinel (IPP), que era atendido por entes federais, passou por um processo de municipalização e, hoje, além de se chamar Instituto Municipal Philippe Pinel (IMPP), faz parte da cidade do Rio de Janeiro.

de comunicação e, de maneira especial, jornalistas, nestes temas por meio de uma formação mais humanizada e atenta aos contextos da saúde. A intenção desta pesquisa é somar novas vozes e novos olhares em comunicação e saúde às forças da luta antimanicomial, à defesa dos direitos humanos, do Sistema Único de Saúde – e seus princípios de universalidade, integralidade e equidade – e preservar a história e a memória da TV Pinel.

2. TV Pinel: *Qual é o canal?*⁴

*– O quê que vocês acham que tem debaixo do tapete de um hospício?
É louco varrido, entendeu?!
(Elizabeth Costa)*

Rio de Janeiro, 8 de fevereiro de 1996. Câmera e microfone esperam em uma sala de uma instituição psiquiátrica. Alguns funcionários e usuários da instituição se encontram no lugar. Alguém tenta uma dinâmica entre o grupo. As pessoas ali presentes fazem um aquecimento corporal. De repente, um dos usuários da instituição toma a iniciativa e, com o microfone em punho, começa a fazer entrevistas. Outra usuária, em certo momento, também pega no microfone e dispara a pergunta: “Eu posso contar uma piada?” e, após alguns instantes, leva todos às gargalhadas ao relatar o que há debaixo do tapete de um hospício. Assim, a partir de uma anedota e de um encontro imprevisível, surgia uma das experiências em comunicação comunitária mais surpreendentes e únicas no Brasil, a TV Pinel (MARCOLINO, 2007).

Foram Maycon Santos – o entrevistador – e Elizabeth Costa – a dona da piada – os pioneiros do primeiro programa da TV Pinel, uma iniciativa de TV comunitária que contou com o apoio e a idealização de Doralice Araújo, uma psicóloga do então Instituto Philippe Pinel (IPP), e de Ricardo Peret, um psiquiatra e então diretor do IPP. A abertura de cada um dos programas da TV Pinel era marcada pela voz de Raul Seixas na canção *Metamorfose Ambulante* e pelas cenas dos usuários atuando em gravações, novelas, atividades, entrevistando pessoas pelas ruas da cidade do Rio de Janeiro e pelas instalações do IPP.

⁴ Título de um dos programas da TV Pinel divulgado em abril de 1996.

Além de trabalhar como psicóloga e ainda antes da criação da TV Pinel, Doralice Araújo desenvolvia um trabalho fotográfico e artístico no IPP com crianças autistas. Em um determinado momento, ela passou a filmar as atividades que ocorriam na instituição (NABUCO, 2011). Ao realizar essas gravações, Doralice começou a perceber o gosto que os usuários do instituto tinham ao interagir com a câmera, além de produzir neles uma interessante relação com sua autoimagem (MIRANDA, 2002). Isto, para ela e Ricardo Peret, foi o *insight* necessário para a criação da TV comunitária. As horas de gravação e o acúmulo de vídeos levaram Dora – como era conhecida – a pedir ao então diretor do IPP que fosse contratada uma produtora para a edição do material. Com os anos de experiência adquirida por haver trabalhado em programas televisivos para o Governo da Bahia, algum tempo antes de assumir a direção do IPP, Ricardo Peret sugeriu a criação de uma TV, algo que seria mais econômico, segundo ele, para a edição dos vídeos. Ele encontrou, com isso, os meios necessários para a criação da TV Pinel, com a doação de uma câmera para filmagem e de outros equipamentos, além da montagem de uma ilha de edição.

Eu acho que a TV Pinel já nasce sob o signo do sucesso porque ela é fruto do sonho generoso de todos nós, que é o sonho por uma sociedade sem manicômios. Eu espero que a TV Pinel seja um instrumento vigoroso de difusão dessas ideias, que ela seja uma TV da cidadania, que ela nos ajude a mostrar à sociedade que a loucura é algo próprio da experiência humana, que, conseqüentemente, as diferenças que ela produz sejam acolhidas ao invés de rechaçadas. Eu penso que a TV Pinel nasce sob o patrocínio do maior dos patrocinadores: a liberdade. (informação verbal⁵)

Os dois profissionais também fizeram a comunicação sobre a iniciativa com o Centro de Criação de Imagem Popular (Cecip) e levaram a assessoria da TV Maxambomba para a produção dos programas da TV Pinel. A Maxambomba, com os anos de experiência com vídeo e produção popular na Baixada Fluminense, foi capaz de deixar seu legado à TV Pinel como herança ao possibilitar aos usuários desta nova mídia comunitária a liberdade criativa e a independência para a produção audiovisual. Era o início de uma TV que nascia com o objetivo de romper estigmas contra os transtornos mentais com uma proposta inovadora, com a participação dos usuários do IPP na produção ativa de

⁵ Transcrição do discurso de Ricardo Peret no primeiro programa da TV Pinel. Disponível em: TV Pinel? *Qual é o canal?*. Produção: Equipe da TV Pinel. Assessoria: Centro de Criação de Imagem Popular (CECIP) e TV Maxambomba. Núcleo de Vídeo do Instituto Philippe Pinel/Ministério da Saúde. Rio de Janeiro, RJ: VídeoSaúde, distribuidora da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), abril de 1996. 1 fita Super VHS (S-VHS), (44 min. e 30 seg.).

programas, novelas, séries, entrevistas, esquetes e todo tipo de conteúdo que fosse pensado e idealizado por eles próprios e pela equipe.

Como destacou Ricardo Peret, “A TV Pinel é filha, não da psiquiatria, ela é filha da cultura” (informação verbal)⁶. Com o propósito de atuar por meio da imagem e da inclusão das linguagens próprias de cada indivíduo, há, como destacou Luciana Miranda (2002), um trabalho sobre subjetividades. “A relação sujeito-imagem também é, no caso da TV Pinel, um dos seus alicerces, aliada à proposta da reforma psiquiátrica, pelo fim dos manicômios e o resgate da cidadania dos usuários do sistema de saúde mental” (p. 47).

A participação da TV Maxambomba nesta história foi, segundo destacou Valter Filé em entrevista, essencial não apenas para o início da TV Pinel, como para toda a trajetória e para o desenvolvimento de uma metodologia participativa entre os seus usuários. Estas duas mídias comunitárias tinham muito em comum, apesar de atuarem em contextos sociais distintos. Luciana Lobo Miranda (2002, p. 46) destaca, em sua tese, algumas dessas características que permitiram um encontro e uma colaboração mútua tão significativa entre elas:

Tanto a TV Maxambomba quanto a TV Pinel sinalizam uma grande insatisfação: como os moradores da Baixada e os usuários do sistema de saúde mental, via de regra, são retratados na grande mídia. Temas como violência, miséria, incapacidade, medo ou, então, temas tidos como interessantes, como o exótico, o folclórico, o bizarro, o curioso, são ideias engendradas e difundidas, ao focar essas populações, ora espetacularizando, ora glamourizando, quando o tema permite, mas sempre de forma estereotipada, destituída de qualquer abordagem que permita uma perspectiva crítica, passando ao largo da complexidade que, na verdade, compõe o cotidiano dessas duas realidades.

Foi exatamente a colaboração da TV Maxambomba que possibilitou que Noale Toja e Valter Filé entrassem para a história da TV Pinel. Os dois, que participavam das atividades desenvolvidas pela TV Maxambomba na Baixada Fluminense, foram alguns dos responsáveis por trazer a ideia de tornar os próprios usuários do IPP em criadores de conteúdo e de cultura. Segundo Filé, a equipe logo entendeu que havia, basicamente, duas questões a serem pensadas com a criação da TV Pinel, como ele destacou em entrevista:

⁶ Entrevista concedida por PERET, Ricardo. *Entrevista com Ricardo Peret [out. 2021]*. Entrevistador: Arthur Coutinho Gonçalves Bomfim. Madrid, Espanha, 2021. Entrevista III.mp4 (1 hora, 6 minutos e 1 segundo) e transcrita no Apêndice C do trabalho de conclusão de curso. Ver também BOMFIM, 2021.

...a primeira era eles conseguirem rir, ainda, deles mesmos. Então, quando ainda existe a capacidade do riso é porque ainda existe uma fortaleza, ainda existe um ser humano ali, né? Porque o riso é muito potente. E, depois, ela acaba dizendo que a questão psiquiátrica não era uma questão médica apenas, era uma questão mais social, de que tinha uma sociedade que queria esconder essas pessoas. (Informação verbal)⁷

Ricardo Peret destacou, em entrevista, a importância de haver incluído, na época, profissionais que trabalhavam com a mídia e com a cultura oriundos de fora de uma instituição psiquiátrica. “A TV Pinel já nasceu dentro da cultura, com uma proposta de intervenção cultural. Não psiquiátrica, de intervenção cultural” (informação verbal)⁸, afirmou ele. Um desses profissionais foi Noale Toja, que atuou entre aquelas duas mídias comunitárias, a Maxambomba e a Pinel. Ela acompanhou a trajetória da TV Pinel, entre 1996 até meados de 2014, desde o processo de criação e implementação até a época em que o IPP começou a passar por um processo de municipalização, deixando de pertencer à União e tornando-se uma instituição administrada pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, o que afetou de maneira drástica a captação de verbas públicas para o funcionamento da Pinel por meio de uma burocratização de processos públicos. Entre os diversos quadros dos programas da TV Pinel, Noale atuava como atriz, editora, produtora, roteirista, dava apoio em cinegrafia e na encenação de novelas, entre outras funções. Suas imagens nos vídeos da TV Pinel se confundiam entre as dos usuários do instituto e, muitas vezes, não se distinguia claramente se ela era uma funcionária ou uma usuária do IPP.

A TV Pinel, quando ela começa, a gente começa fazendo programas junto com os pacientes, então a gente nunca fazia um programa que era da nossa cabeça. Tava sempre ali com os pacientes sugerindo a pauta, produzindo juntos, e a gente ia fazendo essas oficinas de formação com os grupos para que eles pudessem ir se apropriando dos equipamentos, da técnica, pudessem gravar, fazer o som, fazer a edição, roteirizar, dirigir. (...) A gente potencializou esse pessoal e fomos trabalhando com os outros e não só os pacientes, os usuários, mas os familiares, os enfermeiros, outros núcleos de atenção, como o Naicap [Núcleo de Atenção Intensiva à Criança Autista e Psicótica]. E aí isso foi se

⁷ Entrevista concedida por PEREIRA, José Valter. *Entrevista com Valter Filé* [out. 2021]. Entrevistador: Arthur Coutinho Gonçalves Bomfim. Madrid, Espanha, 2021. Entrevista I.mp4 (1 hora e 18 minutos). A entrevista pode ser consultada na íntegra no Apêndice A do texto original da monografia. Ver também BOMFIM, 2021.

⁸ Entrevista concedida por PERET, Ricardo. *Entrevista com Ricardo Peret* [out. 2021]. Entrevistador: Arthur Coutinho Gonçalves Bomfim. Madrid, Espanha, 2021. Entrevista III.mp4 (1 hora, 6 minutos e 1 segundo).

transformando dentro dessa ideia de TV comunitária. (Informação verbal)⁹

Em entrevista para esta pesquisa, Noale destacou a importância do trabalho da TV Pinel para a vida de seus usuários, uma atuação que notoriamente se expandia para além das lutas no campo da cultura e da sociedade. A TV Pinel era também fonte de trabalho e renda para os usuários, o que contribuía para a transformação de suas vidas e à atribuição de outro lugar social promovido pela inclusão e por um novo caminho de pertencimento à vida. Esses ideais de atuação da TV Pinel e sua forma de prática enquanto mídia comunitária a associou a um dos muitos instrumentos gerados a partir da Reforma Psiquiátrica Brasileira, à ideia “de levar para a sociedade uma nova forma de ver a loucura, de explicar, mostrar às cidades, que a loucura é uma experiência humana e ela tinha que ser acolhida em vez de rejeitada, trancafiada” (informação verbal)¹⁰. Como destacou Ricardo Peret, também em entrevista para esta pesquisa, além da apropriação de técnicas audiovisuais, os usuários da TV Pinel se apropriavam de uma ou de várias profissões. “Nessas pequenas ações, profundas transformações estavam ocorrendo. De louco a pessoa passou a ser trabalhador. Um importante deslocamento do lugar da loucura, como nos ensina Amarante (2009), que passa a ser vista como possibilidade de criação” (NABUCO, 2011, p. 113).

3. “Não jogue fora a sua loucura, ela é real”: Os impactos da TV Pinel e seu papel de inclusão na mídia e na sociedade

Ao observar os nomes que protagonizavam alguns dos programas e esquetes da TV Pinel, como Jorge Romano – autor da célebre frase que inicia este capítulo –, Maycon Santos – o repórter da TV Pinel –, Jaqueline da Silva Batista – que realizava perfis e entrevistas de funcionários e usuários do instituto –, Elizabeth Costa, Bárbara Dias, Daisy Contocanis, Edivaldo Nabuco, Clovis Braga, Neiva de Fátima e tantos outros, pode-se dimensionar o potencial transformador das trajetórias de vida das pessoas que passavam pelas atividades realizadas por esta “TV louca”.

⁹ Entrevista concedida por TOJA, Noale de Oliveira. *Entrevista com Noale Toja [out. 2021]*. Entrevistador: Arthur Coutinho Gonçalves Bomfim. Madrid, Espanha, 2021. Entrevista II.mp4 (1 hora, 2 minutos e 44 segundos). A entrevista pode ser consultada na íntegra no Apêndice B do texto original da monografia. Ver também BOMFIM, 2021.

¹⁰ Entrevista concedida por PERET, Ricardo. *Entrevista com Ricardo Peret [out. 2021]*. Entrevistador: Arthur Coutinho Gonçalves Bomfim. Madrid, Espanha, 2021. Entrevista III.mp4 (1 hora, 6 minutos e 1 segundo).

Na TV Pinel, a vontade sempre esteve à frente da capacidade de entendimento, numa dialética que não se propunha a reduzir uma nem outra. Mas em um equilíbrio entre o entendimento dos profissionais e a vontade dos usuários transformou a TV Pinel numa potência criativa, conforme nos ensina Nietzsche, traduzida em premiações de seus programas no Brasil e no exterior, expandindo as possibilidades de vida dos sujeitos ditos loucos. O slogan da TV Pinel revela esta potência criativa: *mostrar uma nova imagem da loucura*. (NABUCO, 2011, p. 113, grifo do autor)

Para Eliana Marcolino (2007), em sua tese de doutorado defendida na Universidade Metodista de São Paulo, as participações dos usuários, como alguns dos que foram citados e muitos outros, com a inclusão das próprias propostas criativas, fizeram da TV Pinel uma experiência única, como “o único programa de televisão no Brasil a ser desenvolvido dentro de uma instituição psiquiátrica e produzido com a participação de usuários do hospital, o que o torna diferente devido à peculiaridade na metodologia de produção” (p. 27).

Esse entendimento produzido por Marcolino se articula de maneira especial com o que Luciana Lobo Miranda (2002) defendeu em sua tese de doutorado na PUC-Rio. Para Miranda, aquele método de produção desenvolvido pela TV Pinel por meio de seus programas permitia que os usuários se reconhecessem como participantes da sociedade, como cidadãos a partir de um novo constructo de subjetividades: “deixam de ser apenas representados no discurso/imagens de outros, sejam eles programas de TV de massa, comercial ou educativo, e passam a ser protagonistas desta narrativa contemporânea, a linguagem audiovisual atualizada no vídeo, enunciado-se a si mesmos” (p. 16).

A professora Cassia Chaffin, que ao longo de alguns anos também foi integrante da equipe da TV Pinel, e Doralice Araújo também destacaram, na época, a centralidade da metodologia participativa que moldava basicamente todos os processos de produção dos vídeos da TV. Esta foi uma forma encontrada, a partir da herança deixada pela TV Maxambomba, de permitir que os próprios usuários se apropriassem da linguagem audiovisual e gerassem suas reflexões sobre a vida e sobre o mundo, um aspecto que, para Miranda (2002), demonstra-se fundamental na construção de novas subjetividades.

A TV Pinel surgiu fundada na certeza de que a implementação de novas formas de se lidar com pessoas em sofrimento psíquico deve ser acompanhada de mudanças culturais na sociedade, que ainda tende a estigmatizar e excluir os usuários de serviços de saúde mental. O trabalho da TV Pinel está fundamentado em uma metodologia participativa onde, sob orientação de técnicos

especializados, os programas são realizados prioritariamente pelos usuários em todas as suas etapas. Esta metodologia inspira-se nas TVs comunitárias, que atuam junto a pequenos grupos. Logo o trabalho da TV Pinel pauta-se na associação de dois princípios: a utilização da tecnologia audiovisual com metodologia participativa e o desenvolvimento de um trabalho específico no campo da saúde mental. (ARAÚJO e CHAFFIN, 1997, p. 13, circulação restrita *apud* MIRANDA, 2002, p. 47)

Outro aspecto ressaltado pelas profissionais na época, conforme cita Miranda (2002), antes da implementação da TV Pinel no IPP, era a dificuldade que muitos usuários e usuárias da instituição apresentavam em relação à aceitação de suas autoimagens, principalmente quando submetidos ao olhar do outro, na fotografia e no vídeo. No entanto, por meio do processo de inclusão das próprias linguagens e, ademais, “ao misturar médicos, psicólogos, seguranças, pacientes e enfermeiros numa equipe de produção de um vídeo, em que todos têm tarefas importantes a cumprir, a TV ajuda a relativizar os espaços cristalizados de poder, apontando a possibilidade de relações menos hierarquizadas entre esses sujeitos” (ARAÚJO e CHAFFIN, 1997, p. 6 *apud* MIRANDA, 2002, p. 66). Para Araújo e Chaffin, era exatamente nessa forma de criação participativa inerente à atuação da TV Pinel em que se concentravam as contribuições ao processo e aos ideais propagados pela Reforma Psiquiátrica no Brasil e as diferenças de outras práticas comunicativas hegemônicas.

A soma de alguns fatores como a possibilidade de criar e expressar; o redimensionamento da auto-imagem que o vídeo comunitário produz; a distribuição de responsabilidade; a organização espaço-temporal inerente ao processo de construção de uma narrativa audiovisual; a inserção no grupo não como usuário, mas como membro de uma equipe, faz com que a TV Pinel, apesar de não ser uma terapia, cumpra fins terapêuticos, no sentido dado por Franco Rotelli, um dos idealizadores da Reforma Psiquiátrica; ‘...É terapêutico tudo aquilo que é o acesso aos direitos, tudo aquilo que nos permite revisitar com qualidade de vida’. (MIRANDA, 2002, p. 67)

Se do lado de dentro dos muros de uma instituição psiquiátrica, uma TV comunitária conseguia produzir tamanha transformação por meio da inclusão social na vida de seus usuários e, também, da equipe profissional, do lado de fora daqueles muros novos espaços de voz e de representação também eram criados naquela época, inclusive por meio de mídias hegemônicas.

O surgimento da TV Pinel provocou um grande interesse da grande mídia, com várias matérias feitas, ao longo dos anos. Tal

interesse deve-se, em parte, ao inusitado, ao exótico, ou ao curioso, redundando em audiência ou vendagem, que, somado à criatividade da iniciativa, acaba por cativar o público, principalmente em suas exposições de rua. 'Por Liberdade, Democracia, Saúde e Arte' e 'Por uma nova imagem da loucura' são slogans que acompanham a TV desde o início, e marcam cada um de seus programas. (...) Segundo [Valter] Filé, se hoje as matérias que aparecem na grande mídia sobre a TV Pinel são na maioria das vezes cuidadosas, dando visibilidade ao trabalho desta TV comunitária, foi na base da conquista. Para gravar ou para fazer aquele tipo de reportagem, seja a grande mídia, seja pesquisadores, é preciso agendar a visita. A equipe também deve saber previamente os objetivos da matéria ou do trabalho, e o tratamento que estes terão. Mesmo tomando estes devidos cuidados, a equipe diz não estar livre de assistir, por exemplo, a uma matéria veiculada pelo Jornal Nacional, dizendo que a TV é formada por internos, embora a equipe da TV Globo tivesse sido advertida da diferença entre uma internação e o funcionamento como hospital-dia, e a importância de serem chamados de usuários do sistema de saúde mental. Como os enunciados de um telejornal, com uma audiência abrangente devem ser simples e diretos, visando atingir o maior número possível de espectadores, o uso do termo usuário, que exigiria a explicação do porquê de sua utilização, é substituído por interno, de fácil e rápida compreensão. (MIRANDA, 2002, p. 64; 184; 185)

Apesar desses problemas de representação na grande mídia, como apontou Valter Filé nessa citação da tese de Luciana Lobo Miranda (2002), o destaque atribuído às atividades da TV Pinel por uma mídia hegemônica, certamente, produzia novos significados sobre a concepção do lugar social das pessoas que viviam com transtornos mentais. A TV Pinel e seus usuários encontraram, sobretudo, no humor uma de suas armas mais potentes para "varrer a loucura para fora do tapete" e mostrá-la à sociedade como uma condição humana, partícipe da humanidade, expressão de vida. "A TV Pinel utiliza-se do humor e da paródia como uma ferramenta para dar visibilidade à situação da doença mental e suas formas de tratamento utilizadas no país. O humor, neste caso, não despotencializa o político, mas ao contrário, o renova, inserindo-o num processo de mudança" (MIRANDA, 2002, p. 215). Havia, por meio da potencialização do riso, como o que também destacou Valter Filé em sua entrevista, um instrumento de luta pelos usuários da TV Pinel por uma revitalização de suas vozes e de suas cidadanias.

Para Nabuco (2011), que foi um dos usuários da TV Pinel, havia um sentimento-égide que movia os trabalhos desta TV comunitária, o afeto. "O afeto de ser tocado, retirado de um lugar, deixar-se ser afetado por um sentimento de alegria por produzir coletivamente. (...) E isto se tornou motivo de todos admirarem a TV Pinel" (p. 113-114). Segundo Ricardo Peret, a TV cumpria um papel especial quando não permitia que

os espectadores realizassem a distinção entre quem seria “usuário” ou “funcionário”, “paciente” ou “ator”, pelas gravações realizadas. “O fato de você ter um transtorno mental não significa que você olhe para a pessoa e tenha que dizer ‘ah, tá passando ali o louco’. Não é isto. Se você não sabe quem é, é porque a TV Pinel já nasce cumprindo o papel para o qual ela foi criada, que a loucura tem que ser relativizada e tem que ser vista como uma condição humana” (informação verbal)¹¹.

‘Você é um ator ou um paciente?’. Esta pergunta foi realizada por um transeunte na Cinelândia, Rio de Janeiro, perplexo com um esquete realizado pela equipe da TV Pinel, abordando a questão do tratamento da loucura. Neste esquete, o ‘paciente’ acompanhado por uma ‘enfermeira’ usava camisa de força. Ao ouvir a resposta – ‘Eu sou um ator e um paciente’ –, responde: ‘Brincadeira!’, não acreditando na possibilidade de um paciente psiquiátrico estar ali representando, realizando uma intervenção de rua em que ele, mesmo sendo paciente, é um ator no sentido teatral e um ator no sentido mais amplo – um ator social. (ARAÚJO, 1999, p. 5 *apud* MIRANDA, 2002, p. 60)

Era a partir de uma intervenção cultural que a TV Pinel atuava, como afirmava Doralice Araújo nesse fragmento, para encontrar e abrir caminhos e novas possibilidades de vida para os usuários, construindo outras e diferentes representações e lugares sociais sobre a loucura e os transtornos mentais na cultura e na sociedade. Seja dentro da luta antimanicomial e contra a medicalização da vida, seja em relação às representações advindas de mídias hegemônicas e as fantasias do mundo das novelas e dos grandes programas de canais de comunicação, os discursos e as narrativas desenvolvidos pelos usuários se inseriam no entremeio de uma nova concepção, forjada por eles mesmos, do mundo a partir de seus novos lugares sociais. “Ao olharmos nossa imagem na tela do vídeo, nos víamos como pessoas. Rindo, cantando, brincando. Esse é o papel da TV Pinel. Foi esta a ideia que Doralice teve e que fez o Rio de Janeiro olhar a arte e criatividade do louco como uma potência de criação de vida” (NABUCO, 2011, p. 115).

Por meio de uma atuação tão potente, a história da TV Pinel tem muito a ensinar a partir do afeto e da inclusão do que é considerado diferente e, por consequência, excluído da sociedade. Uma atuação pelo afeto é um exercício de alteridade que é essencial para práticas de comunicação mais acolhedoras, como um jornalismo que seja capaz de contribuir para a geração de uma sociedade mais justa e equânime por meio da difusão

¹¹ Entrevista concedida por PERET, Ricardo. *Entrevista com Ricardo Peret [out. 2021]*. Entrevistador: Arthur Coutinho Gonçalves Bomfim. Madrid, Espanha, 2021. Entrevista III.mp4 (1 hora, 6 minutos e 1 segundo).

de conteúdos que sejam capazes de alcançarem modificações na cultura, já tão acostumada – e programada – em transformar diferenças em desigualdades.

4. Conclusão

*(...) observamos que o manicômio persiste,
que viver fora dele ultrapassa o geográfico e o visível,
que a exclusão não é característica fundamental definidora do manicômio,
já que se mantém grudada ao corpo, dentro da alma.*
(BAPTISTA, 2001 *apud* ALVERGA, A. R. e DIMENSTEIN, M., 2006, p. 304)

Paulo Freire, notável e inesquecível educador e filósofo brasileiro, pensava a prática jornalística como, também, uma prática educativa (MEDITSCH e FARACO, 2003). Seja para expor as mazelas da sociedade ou para ocultá-las e normalizá-las; seja para delinear as margens e os centros do mundo; seja para dar voz, salvaguardar a democracia, defender a justiça social e lutar contra a corrupção; seja para favorecer as elites e as hegemonias que se ocupam em formar consensos, lucros e monopólios. Aquele e tantos outros pensamentos de Freire ajudam a pensar, sobretudo, sobre a atuação da TV Pinel como um legado para toda a comunicação que pretenda ser ética e inclusiva.

Uma mídia comunitária que foi capaz de romper estigmas e trazer à centralidade de seus discursos pessoas que viviam às margens da sociedade pode oferecer para muitos profissionais de comunicação um aprendizado potente para reorientar percepções e transformar práticas de comunicação para que sejam mais humanizadas e humanizadoras. São os profissionais da comunicação – especialmente, os jornalistas, os cineastas, os publicitários, os assessores, os produtores culturais, relações públicas e tantos outros que se dedicam à criação cultural –, dentro ou fora dos âmbitos da comunicação e saúde, os responsáveis por agir de modo a propagar democracia. No caso do jornalismo, a atuação profissional adequada é imprescindível para que as pessoas possam não apenas se informar de maneira apropriada, mas para que tenham acesso aos seus direitos sociais.

O jornalismo, enquanto prática social de informação, necessita de profissionais qualificados, não apenas no sentido técnico de produção, mas no sentido humano, da prática da alteridade, para perceber as diferenças sociais como parte do convívio e da experiência humana e, não, como fatores de segregação e exclusão de corpos e linguagens. Ao longo dos capítulos originais desta pesquisa, que provém de um trabalho de conclusão de curso de graduação, foram evidenciados e discutidos temas que permeiam não apenas a comunicação, mas a saúde e contextos políticos, históricos, sociais e culturais. A interdisciplinaridade traçada entre campos de saber sustentou o percurso deste trabalho até a análise da atuação da TV Pinel, enquanto mídia comunitária e importante instrumento de expressão social e dos ideais propagados pela Reforma Psiquiátrica Brasileira. Além de pensar as contribuições que a TV Pinel pode oferecer à prática de uma comunicação que pensa pela diversidade, esta pesquisa evidenciou outras reflexões que permeiam o entendimento de que a comunicação social também se insere nas lutas pelos direitos humanos, sociais e civis. Pensar a contribuição da TV Pinel para a comunicação é, na verdade, pensar em uma prática de comunicação, entre outros aspectos, disruptiva e atenta aos contextos elencados pela democracia, pelo estado de direito e pelo acesso à dignidade de vida e de saúde.

5. Referências bibliográficas

- ALVERGA, A. R.; DIMENSTEIN, M. *A reforma psiquiátrica e os desafios na desinstitucionalização da loucura*. Interface – Comunic., Saúde, Educ., v. 10, n.20, p. 299-316, jul/dez 2006. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-32832006000200003>>. Epub 09 Ago 2007. ISSN 1807-5762. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832006000200003>.
- ARAÚJO, Doralice; NABUCO, Edvaldo. *No Espelho do Olhar do Outro: A TV Pinel e a Construção Coletiva da Auto-Imagem em Vídeo*. Comunicação e Informação, v. 7, n. 2, Goiânia, p. 232-239, jul-dez./2004.
- ARAÚJO, Inesita Soares de, CARDOSO, Janine Miranda (ed.). *Comunicação e Saúde*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.
- ARTE, poesia e a virada do milênio. Produção: Equipe da TV Pinel. Assessoria: Centro de Criação de Imagem Popular (Cecip) e TV Maxambomba. Núcleo de Vídeo do Instituto Philippe Pinel/Ministério da Saúde. Rio de Janeiro, RJ: VideoSaúde, distribuidora da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), maio de 1999. 1 fita VHS (S-VHS), NTSC (46 min.).

A TV Pinel faz arte!. Produção: Equipe da TV Pinel. Assessoria: Centro de Criação de Imagem Popular (Cecip) e TV Maxambomba. Núcleo de Vídeo do Instituto Philippe Pinel/Ministério da Saúde. Rio de Janeiro, RJ: VideoSaúde, distribuidora da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), dezembro de 1997. 1 fita Super VHS (S-VHS), NTSC (47 min. e 30 seg.).

BOMFIM, Arthur Coutinho Gonçalves. *Gente é pra brilhar: A TV Pinel e sua luta por liberdade, democracia, saúde e arte*. Orientadora: Sandra Korman Dib. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em comunicação social com habilitação em jornalismo). Rio de Janeiro: Departamento de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.29327/4153606>

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Distrito Federal: Centro Gráfico do Senado Federal, 1988.

BRASIL. *Lei 10.216, de 6 de abril de 2001. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental*. Câmara dos Deputados, Distrito Federal: 2001. Disponível em:

<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2001/lei-10216-6-abril-2001-364458-publicacaooriginal-1-pl.html>

QUEIJO, Diego. *Governo amplia vagas e regulamenta o tratamento de dependentes químicos em Comunidades Terapêuticas*. Gov.br, Presidência da República, Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome. 19 de março de 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/mds/pt-br/noticias-e-conteudos/desenvolvimento-social/noticias-desenvolvimento-social/governo-amplia-vagas-e-regulamenta-o-tratamento-de-dependentes-quimicos-em-comunidades-terapeuticas>. Acesso em: 11 de abril de 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. *Portaria 3.088, de 23 de dezembro de 2011*. Institui a Rede de Atenção Psicossocial para pessoal com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). 2011. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2011/prt3088_23_12_2011_rep.html

BRASIL. Ministério da Saúde. *Relatório Final da I Conferência Nacional de Saúde Mental*. Brasília: Centro de Documentação do Ministério da Saúde, 1988. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/0206cnsm_relato_final.pdf

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. *Saúde Mental no SUS: os centros de atenção psicossocial*. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Coordenação Geral de Saúde Mental. *Reforma Psiquiátrica e política de saúde mental no Brasil. Documento apresentado à Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde Mental: 15 anos depois de Caracas*. OPAS, Brasília: novembro de 2005.

COOPERATIVA da Praia Vermelha. Produção: Equipe da TV Pinel. Assessoria: Centro de Criação de Imagem Popular (Cecip) e TV Maxambomba. Núcleo de Vídeo do Instituto Philippe Pinel, Ministério da Saúde. Rio de Janeiro, RJ: VideoSaúde, distribuidora da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), dezembro de 1997. 1 fita Super VHS (S-VHS), NTSC (29 min. e 45 seg.).

CRUZ, Nelson Falcão de Oliveira; GONÇALVES, Renata Weber; DELGADO, Pedro Gabriel Godinho. *Retrocesso da reforma psiquiátrica: o desmonte da política nacional de saúde mental brasileira de 2016 a 2019*. Trabalho, Educação e Saúde [online], v. 18, n. 3, mar-maio/2020. DOI 10.1590/1981-7746-sol00285

DELGADO, Pedro G. G. *As mudanças na política de saúde mental. Entrevista do mês de jul. 2019*. Entrevistadoras: Inês Costal e Patrícia Conceição. Salvador: Observatório de análise política em saúde, 2019. Disponível em:

<https://www.analisepoliticaemsaude.org/oaps/documentos/noticias/entrevistado-mes-de-julho-pedro-delgado/>

DENIZART, Hugo. *O Prisioneiro da Passagem: Arthur Bispo do Rosário*. Centro Cultural do Ministério da Saúde, 1982. Disponível em: <http://www.ccms.saude.gov.br/videos/o-prisioneiro-de-passagem-arthur-bispo-do-rosario>

ELEMENTAR, meu caro Freud. Produção: Equipe da TV Pinel. Assessoria: Imagem na Ação (núcleo de Desenvolvimento de Projetos de Comunicação e Cidadania). Instituto Municipal Philippe Pinel, Secretaria de Saúde da Prefeitura do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ: VideoSaúde, distribuidora da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), junho de 2006. 1 DVD, NTSC (57 min. e 45 seg.).

ENLOUQUECER é... Produção: Equipe da TV Pinel. Assessoria: Centro de Criação de Imagem Popular (Cecip) e TV Maxambomba. Núcleo de Vídeo do Instituto Philippe Pinel/Ministério da Saúde. Rio de Janeiro, RJ: VideoSaúde, distribuidora da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), outubro de 1998. 1 fita Super VHS (S-VHS), NTSC (48 min. e 30 seg.).

ESSA é a TV Pinel!. Produção: Equipe da TV Pinel. Assessoria: Centro de Criação de Imagem Popular (Cecip) e TV Maxambomba. Núcleo de Vídeo do Instituto Philippe Pinel/Ministério da Saúde. Rio de Janeiro, RJ: VideoSaúde, distribuidora da Fundação

Oswaldo Cruz (Fiocruz), agosto de 1996. 1 fita Super VHS (S-VHS), NTSC (48 min. e 30 seg.).

FÉ, sintomas, receitas e outras loucuras. Produção: Equipe da TV Pinel. Assessoria: Imagem na Ação (Núcleo de Desenvolvimento de Projetos de Comunicação e Cidadania). Instituto Municipal Philippe Pinel, Secretaria de Saúde da Prefeitura do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ: VideoSaúde, distribuidora da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), julho de 2001. 1 fita Super VHS (S-VHS), NTSC (54 min. e 49 seg.).

FOUCAULT, Michel. *História da Loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.

FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

GUARNIERO, Francisco Bevilacqua; BELLINGHINI, Ruth Helena; GATTAZ, Wagner Farid. *O estigma da esquizofrenia na mídia: um levantamento de notícias publicadas em veículos brasileiros de grande circulação*. São Paulo: Revista Psiq Clín., 39(3):80-4, 2012.

HABITANTE de lugar nenhum. Produção: Equipe da TV Pinel. Assessoria: Centro de Criação de Imagem Popular (Cecip) e TV Maxambomba. Núcleo de Vídeo do Instituto Philippe Pinel/Ministério da Saúde. Rio de Janeiro/RJ: VideoSaúde, distribuidora da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), 1999. 1 fita Super VHS (S-VHS), NTSC (55 min. e 52 seg.).

IMAGENS da loucura. Produção: Equipe da TV Pinel. Assessoria: Centro de Criação de Imagem Popular (Cecip) e TV Maxambomba. Núcleo de Vídeo do Instituto Philippe Pinel/Ministério da Saúde. Rio de Janeiro, RJ: VideoSaúde, distribuidora da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), novembro de 1996. 1 fita Super VHS (S-VHS), NTSC (45 min e 40 seg.).

LOUCURA e carnaval. Produção: Equipe da TV Pinel. Assessoria: Centro de Criação de Imagem Popular (Cecip) e TV Maxambomba. Núcleo de Vídeo do Instituto Philippe Pinel/Ministério da Saúde. Rio de Janeiro, RJ: VideoSaúde, distribuidora da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), março de 1997. 1 fita VHS, NTSC (16 min. e 3 seg.).

MACHADO, A. L.. *Reforma psiquiátrica e mídia: representações sociais na Folha de S. Paulo*. Ciência & Saúde Coletiva, Associação Brasileira de Pós-graduação em Saúde Coletiva, v. 9, n. 2, Rio de Janeiro: p. 483-491, abril-junho/2004.

MARCOLINO, Eliana Martins. *Comunicação e Saúde Mental: Estudo de caso da TV Pinel no Brasil e do Espaço de Comunicação do Hospital Psiquiátrico de Havana*. Tese (Doutorado em Comunicação Social), São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo, 2007.

MEDITSCH, Eduardo; FARACO, Mariana Bittencourt. *O pensamento de Paulo Freire sobre jornalismo e mídia*. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação – Intercom, v. 26, n. 1, 2003. Disponível em:

<http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/1031/932>

MIRANDA, Luciana Lobo. *Criadores de Imagens, Produtores de Subjetividade: A Experiência da TV Pinel e da TV Maxambomba*. Tese (Doutorado em psicologia). Rio de Janeiro: Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2002.

MOREIRA, Reginaldo. A comunicação como reinserção social para usuários as saúde mental: um olhar sobre a TV Pinel e o Programa Maluco Beleza. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 31., 2008, Natal, RN. *Anais [...]* São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2008.

NABUCO, Edvaldo da Silva. *As imagens do afeto: homenagem à Doralice Araújo*. Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde, v. 5, n. 2, Rio de Janeiro: p. 112-115, jun./2011.

NAS asas da loucura. Produção: Equipe da TV Pinel. Assessoria: Imagem na Ação (Núcleo de Desenvolvimento de Projetos de Comunicação e Cidadania). Instituto Municipal Philippe Pinel, Secretaria de Saúde da Prefeitura do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ: VideoSaúde, distribuidora da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), maio de 2003. 1 MiniDV e Super VHS, NTSC (20 min.).

ONOKO-CAMPOS, Rosana Teresa. *Saúde mental no Brasil: avanços, retrocessos e desafios*. Cadernos de Saúde Pública, v. 35, n. 11, São Paulo, p. 1-5, out./nov. 2019.

PARABÉNS, TV doida!. Produção: Equipe da TV Pinel. Assessoria: Centro de Criação de Imagem Popular (Cecip) e TV Maxambomba. Núcleo de Vídeo do Instituto Philippe Pinel/Ministério da Saúde. Rio de Janeiro, RJ: VideoSaúde, distribuidora da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), junho de 1996. 1 fita Super VHS (S-VHS), (47 min. e 50 seg.).

POR liberdade, democracia, saúde e arte: A TV Pinel na Luta Antimanicomial 97.

Produção: Equipe da TV Pinel. Assessoria: Centro de Criação de Imagem Popular (Cecip) e TV Maxambomba. Núcleo de Vídeo do Instituto Philippe Pinel/Ministério da Saúde. Rio de Janeiro, RJ: VideoSaúde, distribuidora da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), maio de 1997. 1 fita Super VHS (S-VHS), NTSC (30 min. e 15 seg.).

QUANDO a gente ama... Produção: Equipe da TV Pinel. Assessoria: Centro de Criação de Imagem Popular (Cecip) e TV Maxambomba. Núcleo de Vídeo do Instituto Philippe Pinel/Ministério da Saúde. Rio de Janeiro, RJ: VideoSaúde, distribuidora da Fundação

Oswaldo Cruz (Fiocruz), agosto de 1999. 1 fita Super VHS (S-VHS), NTSC (48 min. e 35 seg.).

SOCORRO. Produção: Equipe da TV Pinel. Assessoria: Centro de Criação de Imagem Popular (Cecip) e TV Maxambomba. Núcleo de Vídeo do Instituto Philippe Pinel/Ministério da Saúde. Rio de Janeiro, RJ: VideoSaúde, distribuidora da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), novembro de 1997. 1 fita Super VHS (S-VHS), NTSC (20 min. e 45 seg.).

TERROR noturno... Produção: Equipe da TV Pinel. Assessoria: Imagem na Ação (Núcleo de Desenvolvimento de Projetos de Comunicação e Cidadania). Instituto Municipal Philippe Pinel, Secretaria de Saúde da Prefeitura do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ: VideoSaúde, distribuidora da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), outubro de 2000. 1 fita Super VHS (S-VHS), NTSC (48 min.).

TV endoidada. Produção: Equipe da TV Pinel. Assessoria: Centro de Criação de Imagem Popular (Cecip) e TV Maxambomba. Núcleo de Vídeo do Instituto Philippe Pinel/Ministério da Saúde. Rio de Janeiro, RJ: VideoSaúde, distribuidora da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), agosto de 1997. 1 fita Super VHS (S-VHS), NTSC (43 min. e 50 seg.).

TV Pinel mexendo o coco. Produção: Equipe da TV Pinel. Assessoria: Imagem na Ação (Núcleo de Desenvolvimento de Projetos de Comunicação e Cidadania). Instituto Municipal Philippe Pinel, Secretaria de Saúde da Prefeitura do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ: VideoSaúde, distribuidora da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), outubro de 2002. 1 fita Super VHS (S-VHS), NTSC (47 min. e 27 seg.).

TV Pinel na corda bamba. Produção: Equipe da TV Pinel. Assessoria: Imagem na Ação (Núcleo de Desenvolvimento de Projetos de Comunicação e Cidadania). Instituto Municipal Philippe Pinel, Secretaria de Saúde da Prefeitura do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ: VideoSaúde, distribuidora da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), maio de 2005. 1 MiniDV e Super VHS, NTSC (34 min. e 48 seg.).

TV Pinel trocando as bolas. Produção: Equipe da TV Pinel. Assessoria: Imagem na Ação (Núcleo de Desenvolvimento de Projetos de Comunicação e Cidadania). Instituto Municipal Philippe Pinel, Secretaria de Saúde da Prefeitura do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ: VideoSaúde, distribuidora da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), abril de 2002. 1 fita Super VHS (S-VHS), NTSC (50 min. e 20 seg.).

TV Pinel: essa loucura é nossa!. Produção: Equipe da TV Pinel. Assessoria: Imagem na Ação (Núcleo de Desenvolvimento de Projetos de Comunicação e Cidadania). Instituto Municipal Philippe Pinel, Secretaria de Saúde da Prefeitura do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ: VideoSaúde, distribuidora da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), maio de 2008. 1 MiniDV e Super VHS, NTSC (25 min. e 18 seg.).

TV Pinel: Esse é 22. Produção: Equipe da TV Pinel. Assessoria: Imagem na Ação (Núcleo de Desenvolvimento de Projetos de Comunicação e Cidadania). Instituto Municipal Philippe Pinel, Secretaria de Saúde da Prefeitura do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ: VídeoSaúde, distribuidora da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), dezembro de 2003b. 1 MiniDV e Super VHS, NTSC (36 min. e 14 seg.).

TV Pinel: uma nave muito louca. Produção: Equipe da TV Pinel. Assessoria: Imagem na Ação (Núcleo de Desenvolvimento de Projetos de Comunicação e Cidadania). Instituto Municipal Philippe Pinel, Secretaria de Saúde da Prefeitura do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ: VídeoSaúde, distribuidora da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), agosto de 2003a. 1 MiniDV e Super VHS, NTSC (57 min. e 13 seg.).

TV Pinel? Qual é o canal?. Produção: Equipe da TV Pinel. Assessoria: Centro de Criação de Imagem Popular (CECIP) e TV Maxambomba. Núcleo de Vídeo do Instituto Philippe Pinel/Ministério da Saúde. Rio de Janeiro, RJ: VídeoSaúde, distribuidora da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), abril de 1996. 1 fita Super VHS (S-VHS), (44 min. e 30 seg.).